



RESIDUÁLIA: NATUREZA EM COMPLEIÇÃO¹

Marta Luiza Strambi – UNICAMP

RESUMO: Esse artigo trás reflexões acerca da minha pesquisa e produção visual tanto em nanoarte quanto em infografias, abordando conceitos que atuam nas intersecções entre arte, ciência e meio ambiente. Considera a natureza como ameaça a uma fisicalidade que se encontra em constante conflito, por isso em transe.

Palavras-chave: Artes Visuais; Arte Contemporânea; Meio Ambiente

ABSTRACT: *This article brings reflections about my research and visual production in nanoart, infographics, approaching those concepts that act in the intersections of art, science and the environment. It considers the nature as a threat to a physicality that is emerged in a constant conflict, and thus, in trance.*

Key words: *Visual Arts; Contemporary Art; Environment*

Gottfried Wilhelm Leibniz considera que “para a existência, é indispensável que o conjunto de todos os requisitos esteja presente. Um requisito é aquilo sem o que uma coisa não pode existir”². Revolucionou-se, com o avanço tecnológico, tanto a existência como também a arte contemporânea, porém

[...] com que finalidade? A do desemprego, da marginalidade opressiva, da solidão, da ociosidade, da angústia, da neurose, ou a da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?³

A indagação é de Félix Gattari, a encontramos em *As Três Ecologias* e aqui proponho, como exercício, a arte; a fatura criativa do pensamento, na qual essas áreas serão colocadas a tona, menos para explicá-las, mas para pô-las em choque na sua relação com as modalidades da arte e, assim, problematizar seus campos.

Sabemos que não é de hoje que o homem interfere na natureza, ameaçando a biosfera e a vida na terra, através da extração de recursos naturais, matéria-prima, retirando dela alguma vantagem.

Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar "transversalmente" as interações entre ecossistemas, mecosfera e Universos de referência sociais e individuais. [...] as telas de televisão estão saturadas de uma população de imagens e de enunciados "degenerados". Uma outra espécie de alga, desta vez relativa à ecologia social, consiste nessa liberdade de proliferação que é consentida a homens como Donald Trump que se apodera de bairros inteiros de Nova York, de Atlantic City etc, para "renová-los", aumentar os aluguéis e, ao mesmo tempo, rechaçar dezenas de milhares de famílias pobres [...] seria preciso também falar da desterritorialização selvagem do Terceiro Mundo, que afeta concomitantemente a textura cultural das populações, o hábitat, as defesas imunológicas, o clima etc⁴.

A enorme quantidade de lixo com matéria não-orgânica colabora para aumentar também o desequilíbrio. O lixo acompanha o crescente movimento da população e deve ser considerado não somente uma questão de meio ambiente, mas de sobrevivência, pois 86% da população vive nas cidades. Enfim, o debate em torno do fim dos lixões, da lei da política nacional de resíduos sólidos da diretoria do Ambiente Urbano do Ministério do Meio Ambiente trás um grande desafio, o de acabar com esses lixões até agosto de 2014, encaminhando os restos de resíduos (rejeitos), que não podem ser reaproveitados para os aterros sanitários. Ainda, sobre o descarte uma lei de 2010 já proibiu a catação, a criação de animais domésticos e a fixação de habitação temporária ou permanente nessas áreas de disposição final dos resíduos sólidos, no entanto ainda encontramos tais ações.

Vivemos dos desmatamentos, da perda da biodiversidade e com isso, de uma maneira reflexiva e às vezes sintética, podemos ver relacionado a essa problemática as obras *Cogito*, *Conflito*, *Mar Viado*, *Compleição* e *Residuália*, infografias que foram realizadas por mim em 2013 e anexadas abaixo (figs. 1, 2, 3, 4 e 5).

O ser humano nas cidades costumam criar áreas de proteção que abrange a natureza e o laser, como os parques ecológicos, cantos reservados de verdes para o laser, onde se respira o verde do campo, um antídoto para estados de coisas degeneradas.

Desde sempre a "natureza" esteve em guerra contra a vida! Mas a aceleração dos "progressos" técnico-científicos conjugada ao enorme crescimento demográfico faz com que se deva empreender, sem tardar, uma espécie de corrida para dominar a mecosfera. No futuro a questão não será apenas a da defesa da natureza, mas a de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico⁵.



Fig. 1. Marta Strambi, Residuália, 2013, infografia, 500 x 90 cm.

A ideia de um parque ecológico como um pedaço preservado da natureza é de certo modo uma espécie de simulação, em volta do parque a devastação corre solta, com a cidade pouco arborizada e seca. Dentro dele estamos afastados do perigo, nesse sentido há também uma noção de refúgio, de porto seguro como zona de conforto. Essa zona de conforto não é um pedaço de espaço separado da natureza como os parques, pois dependemos de todo ecossistema para vivermos em harmonia, é um modo de vida, que nos poupa de qualquer coisa que possa ser dolorosa. Para que reservar-nos um “pedaço de céu” ?

Nesse sentido, toda a problemática da devastação me deixava às secas e conseqüentemente me moveu a idealizar e a concretizar algumas obras, como uma metáfora da impossibilidade, manifestação crítica acerca do horizonte perverso que os sistemas de desenvolvimento, baseados numa lógica imediatista, acabam determinando: uma transformação do ambiente e do ecossistema de modo irreversível e desordenado. É mais ou menos como pensar que o leite nasce da geladeira, independentemente dele escorrer das tetas da vaca.

Nessa perspectiva a noção de parques ecológicos, criados em território urbano, passa uma sensação mais próxima de uma alucinação ou mesmo de um pesadelo, uma imagem que corresponde e que pode traduzir esse sentimento é a de uma gaiola, onde habita um belo canário amarelo, colocada displicentemente numa parede, enquanto abaixo, no chão, vários gatos se multiplicam e lambem os beiços. Esses gatos correspondem aos interesses especulativos, enquanto o canário representa os sentimentos utópicos presentes nessa ideia de parque ecológico.

O que mais me impressiona é a capacidade de abstração e a conseqüente criação de “ilhas da fantasia”, em praticamente todas as esferas da urbanização das cidades médias e grandes, com visitação, cada vez mais intensa, nos finais de semana em “parques-ecológicos”. O correto seria pensar de maneira integral, basta observar como se urbanizam os bairros populares para se perceber o que representa essa cultura da vida cotidiana em torno do cinza-cimento.

A ameaça contemporânea também está apresentada hoje por diversos diagnósticos relacionados a seus desequilíbrios, tais como: a escassez da água potável, a camada de ozônio em depleção, o efeito estufa, o aumento da população, a cultura do consumo, a biopirataria e também perigos com algumas nanopartículas de compostos inorgânicos como o dióxido de titânio que trato abaixo, entre outros tantos desajustes. Problemas fundamentais relacionados ao domínio imperialista do homem sobre as coisas da natureza.

Talvez esse sentimento não represente o da maioria das pessoas. Vejo nas flores, que boiam nas águas dos vasos, uma representação da morte - uma natureza literalmente morta - enquanto a caveira tão universalmente aceita, como uma imagem da morte, é para mim a simples estrutura do corpo.

Sob essa perspectiva da zona de conforto criei uma instalação chamada “Vitória-régia”, construída com silicone e detergente em um tanque de água que simulava um pequeno lago no Parque Ecológico de Campinas, na dimensão de 460 x 540 cm, em meados dos anos 90.

Essa instalação se constituiu de um tanque/lago d'água, contendo onze vitórias-régias de silicone (com detergente verde em seus interiores) e uma maior medindo 102 cm de diâmetro, localizada no centro desse tanque/lago. Essas formas

boiavam sob iluminação artificial e com compressor de ar, que passava por debaixo do tanque/lago, lançava sopros no detergente verde contido nas vitórias-régias, formando assim espumas de bolhas de sabão. Nesse clima mágico o simulacro se instalava, as formas boiavam à luz artificial da noite, como uma noite sublime, porém venenosa.

Já em *Cogito e Conflito* (figs.2 e 3) não considero um retorno romântico à natureza, advém desse mesmo pensamento sobre o destino da natureza como na obra citada *Vitória-Régia*, pois sofremos ao ver as relações de desequilíbrio com o meio ambiente e a artificialidade dos parques e da vida urbana.

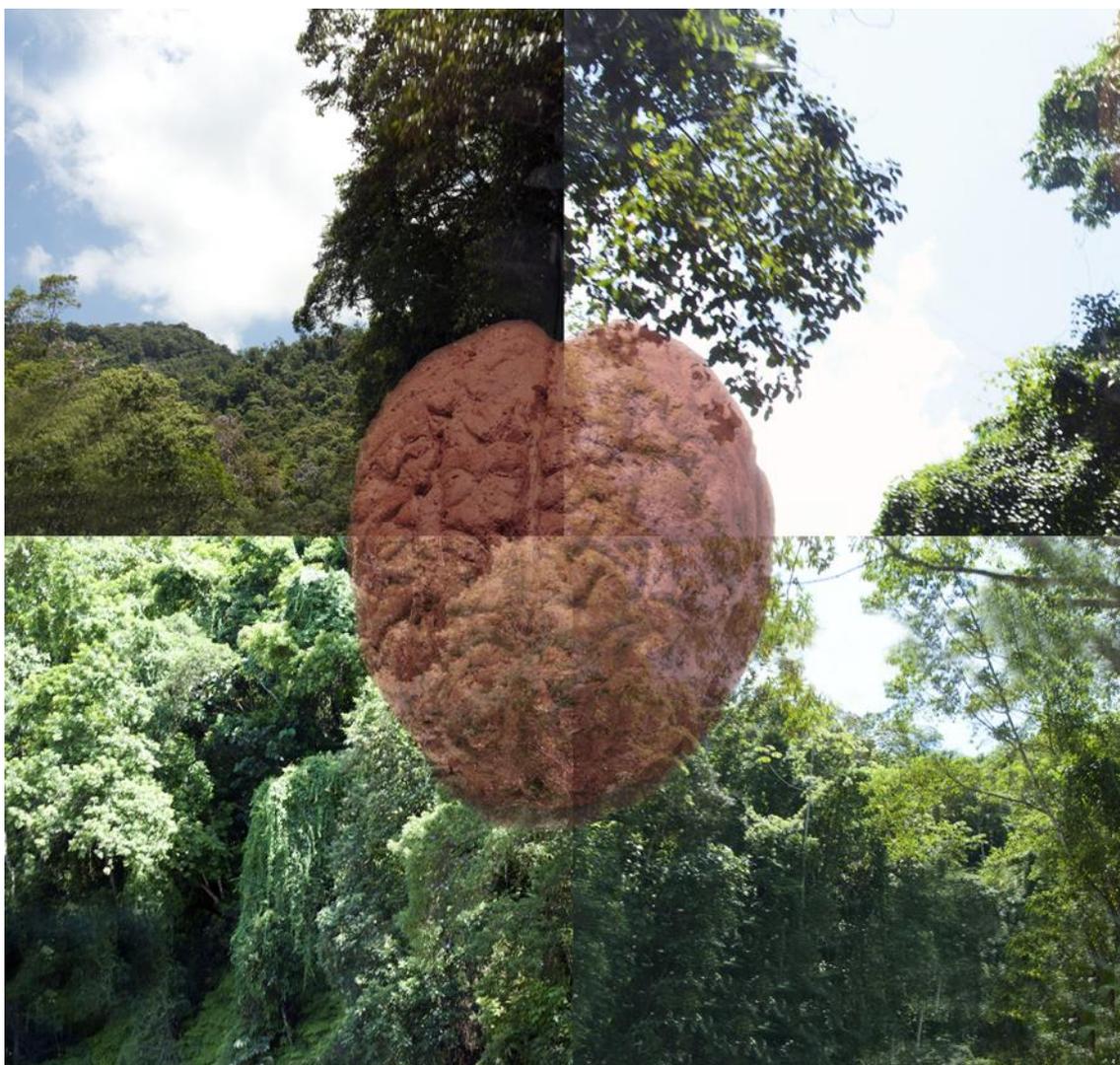


Fig. 2. Marta Strambi, Cogito, 2013, infografia, 90 x 90 cm.

Exposta no Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).



Fig.3. Marta Strambi, Conflito, 2013, infotografia, 90 x 90 cm.

Exposta no Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP)

Mar virado, figura 4, trata de uma infotografia captada na estrada de Ubatuba, litoral norte de São Paulo. O que me intrigou foi justamente esta frase na placa da imagem, contendo algo que talvez demonstrasse minha sensação junto a essa intensa natureza, encontrada de passagem, nessa estrada.

Venho percorrendo uma poética que se mostra avessa, ou na contramão do nosso dia-a-dia que segue num ritmo desenfreado em relação a tudo, a todos e à natureza.

Ali, contida numa placa de trânsito, a tal frase “Mar Virado” implica num revolto mar, ou então, que tudo tenha saído do lugar pela força da natureza.



Fig. 4. Marta Strambi, Mar ViRado, 2013, infografia, 70 x 90 cm.

Um medo ou temor toma conta dessa rápida passagem e volto ao local para então deter o tempo e investigar sobre o que se tratava. Todavia descobro que aquilo não passava de uma graça ou humor, de uma publicidade estranhamente catastrófica, pois a tal placa, que carrega o nome, aponta que mais adiante existe um restaurante, servindo refeições ao “Mar ViRado”.

Trabalhando com o elemento cérebro, como representação de um pensamento junto à terra que se une nessa conexão de *Compleição e Residuália* (figs. 5 e 1), sabemos que essas obras não tratam de algum jardim, ou de cultivar cérebros/bonsai, mas de propor um motor ativo de reflexão e crítica, vemos uma fusão de imagens paisagens, a terra que brota da sua origem, acobertada pela camada verde logo abaixo, oxigenando esse cérebro “fantasma” por fotossíntese. Já

em *Residuália* o substrato toma conta dessa inspiração, uma poética de relacionamentos ficcionais onde contém o específico e o arbitrário.



Fig. 5. Marta Strambi, *Compleição*, 2013, infografia, 50 x 90 cm.

Compleição em Nanoarte

Trago, para problematizar ainda mais esse conflito, outras obras que realizei na perspectiva de apresentar os pensamentos que permearam as mesmas. Por exemplo, por meio de cérebros/objetos, produzidos com terra e planta, apresentei as obras *Entre Cérebros*, anexadas no artigo de 2011 *Entre Cérebros*. Ainda com o mesmo elemento realizei outras proposições. Sobre as obras em Nanoarte escrevi *Corpo: Processos em Nanoarte* (artigo de 2012), ambos apresentados na ANPAP.

Prosseguindo, pretendo continuar transformando as infografias de escala Nano em animações digitais. Abaixo, mostro duas infografias *AuBrain a XX* (fig. 5) e *Connection-AuBrain nm* (fig. 6) e uma animação digital intitulada *Memory in connection-Au Brain nm* (fig. 7). Ambas trazem o elemento cérebro, nelas realizo um relacionamento entre as camadas das imagens/código, com imagens das nanopartículas do ouro.

Ao tratar desse órgão cérebro, que adentra as escalas micro e nanométricas, me aproprio do conceito de sinapse, considerando instituir uma sinestesia entre o que se manifesta, como processo físico e o que se percebe como uma impregnação de subjetividades, fabulação de natureza íntima, entretanto indissociável do próprio cogito enquanto existência provocadora de presença viva.

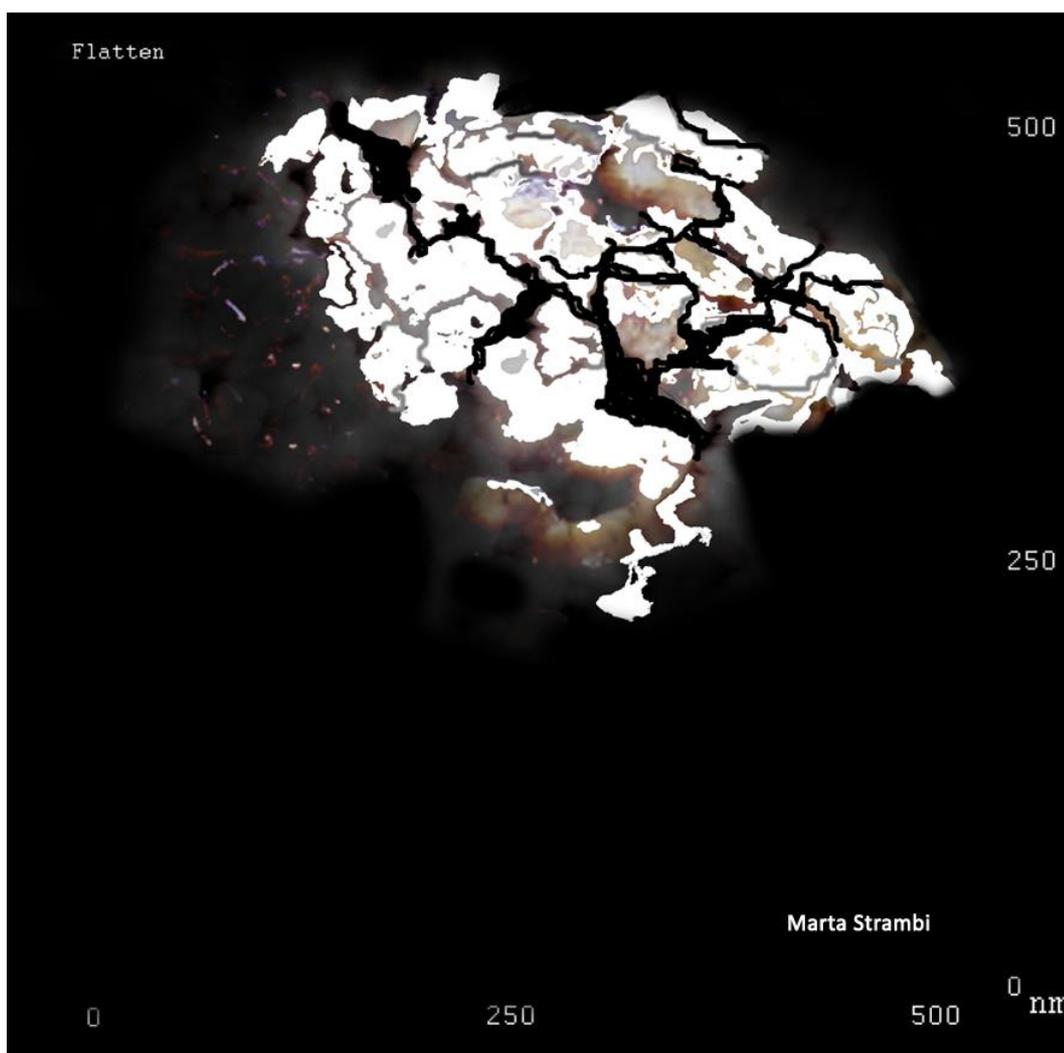


Fig.6. Marta Strambi, AuBrain a XX, 2012, infografia.

Exposta no Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).

Das pesquisas realizadas para criar *NanoSinapses* (obra apresentada em 2012 na ANPAP), o principal eixo girou em torno da criação do neurotransistor *NOMFET - Nanoparticle Organic Memory Field-Effect*, pesquisado pela Universidade de Lille na França - que me trouxe subsídios para a criação e me atraiu a trabalhar com conceitos voltados à transmissão, à informação e à comunicação. Esse transistor orgânico (feito a base de carbono) pode funcionar de forma similar ao

cérebro humano, pois simula as funções principais de uma sinapse, abrindo-se à criação de neurocomputadores. A inovação do NOMFET reside em uma combinação inédita de um transistor orgânico com nanopartículas de ouro e merece, segundo os pesquisadores, a qualificação de "cérebro eletrônico" ou "cérebro artificial".

Em *AuBrain a XX* (fig.6), realizo um apagamento das nanopartículas do ouro a fim de conseguir zonas de compleição. Ansiei que essas zonas se aproximassem a mapas, regiões que se mostram complexas, pois encontram-se em fusão.

Num mergulho, com partes de imagens de um cérebro por verossimilhança, pretendia, como num mapeamento, percorrer regiões do cérebro. As formas na sua completude me interessavam naquele momento, suas instabilidades e assimetrias me conduziam às acanhadas nanopartículas que restavam do metal ouro.

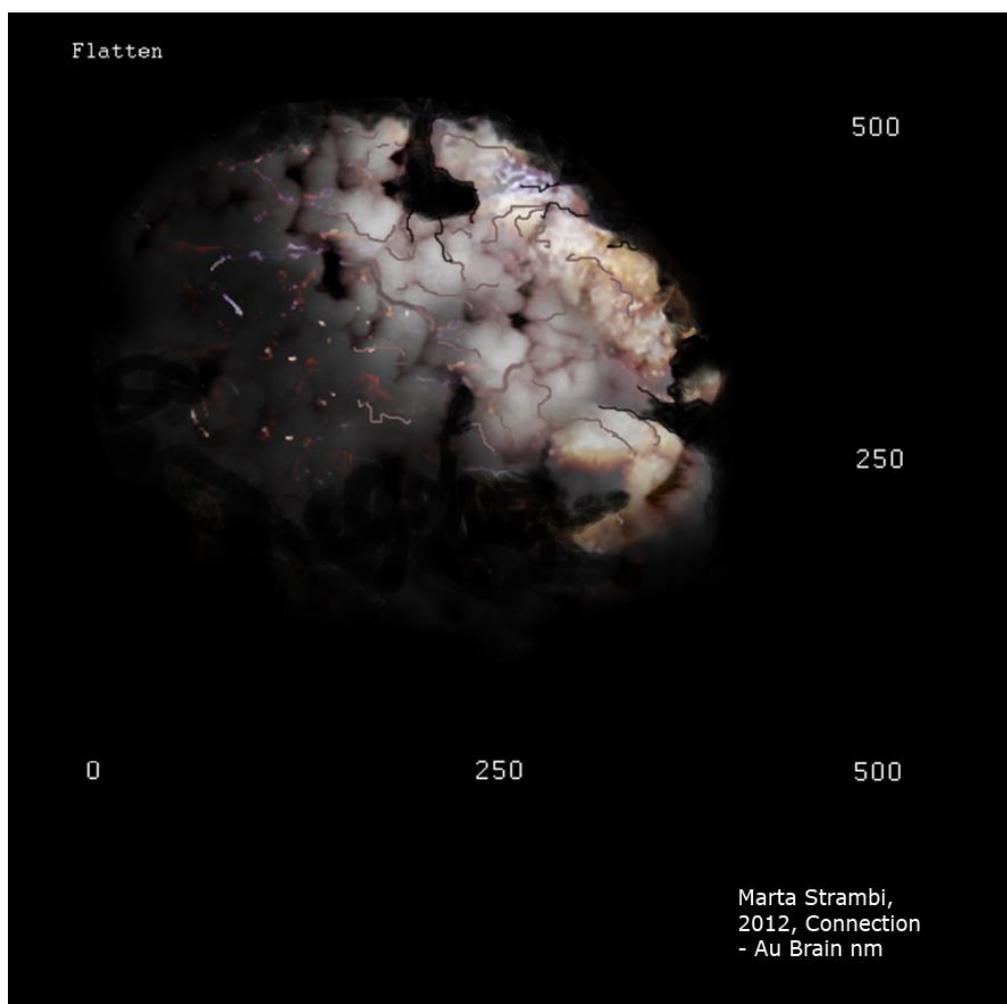


Fig.7. Marta Strambi, Connection- AuBrain nm, 2012, infografia. Exposta no Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).

Em *Connection- AuBrain nm*, deixo à mostra as nanopartículas do ouro.

Por analogia realizo um desenho estreito com linhas, quase um traçado fino que acompanha o *topus* dessa massa movediça, que se esvai pouco a pouco na imensidão negra, associando-se às finas veias entre seus gomos topológicos.

Aqui, a estratégia foi trazer, da costura com “nano partículas de fios de ouro”, as reminiscências, com o intento de remendar partes do cérebro para recuperar memórias perdidas, ou então, quem sabe, trazer a tona os afetos que já se foram, ou ainda, de recolher cacos da história para reconstituir fatos e com eles solucionar muito de nossas subjetividades.

A equipe do hospital infantil de Boston e do MIT, ambos nos EUA, descobrem com a nanotecnologia que minúsculos fios de ouro podem criar um novo remendo para o coração, com um pedaço de tecido artificial formado por células vivas cultivadas em laboratório. Essas células quando implantadas no coração, no caso de um ataque cardíaco, se integram ao órgão corrigindo os danos causados pela isquemia, pois entram em sincronia com as células nativas do coração. Apesar de ter sido entusiasmada por essa pesquisa, ainda na figura 7, trabalho a questão dos afetos, deixando à mostra muito da imagem que não se completa.

Hoje a arte se mostra combinada às experiências científicas ou tecnológicas e muitas produções atuam nas intersecções da arte/ciência/tecnologia. Ela se apropria das pesquisas das ciências, criando uma ponte entre o conhecimento científico e tecnológico. Muitos artistas ainda trabalham com a vida artificial, criada em laboratório, a vida biológica, onde seu material ou matéria são vivos, enfim, os avanços das ciências e da tecnologia estão sendo incorporados na arte e me parece que a vida é e será futuramente o grande assunto das ciências e da arte.

De alguma maneira também me influenciou, ou me provocou instabilidade e pânico, que me impulsionou à criação, outra investigação que realizei com as nanopartículas de dióxido de titânio (NANO-TIO₂). Descobri que os batons ou os cosméticos de um modo em geral, os filtros solares, as tintas, os revestimentos autolimpantes e superfícies bactericidas, produzidos em escala industrial, podem conter nanopartículas de dióxido de titânio e essas nanopartículas podem afetar a barreira fisiológica essencial que protege o cérebro. Há que se ter cautela com seu

consumo e me preocupo com as promessas de soluções que a nanotecnologia faz à humanidade, sem informação e regulamentação podemos chegar ao reverso, à contramão do bem-estar. Estudos comparam as NANO-TIO₂ com o amianto, enfim, minha busca como artista está na apropriação da ciência e da tecnologia, sempre de maneira crítica.

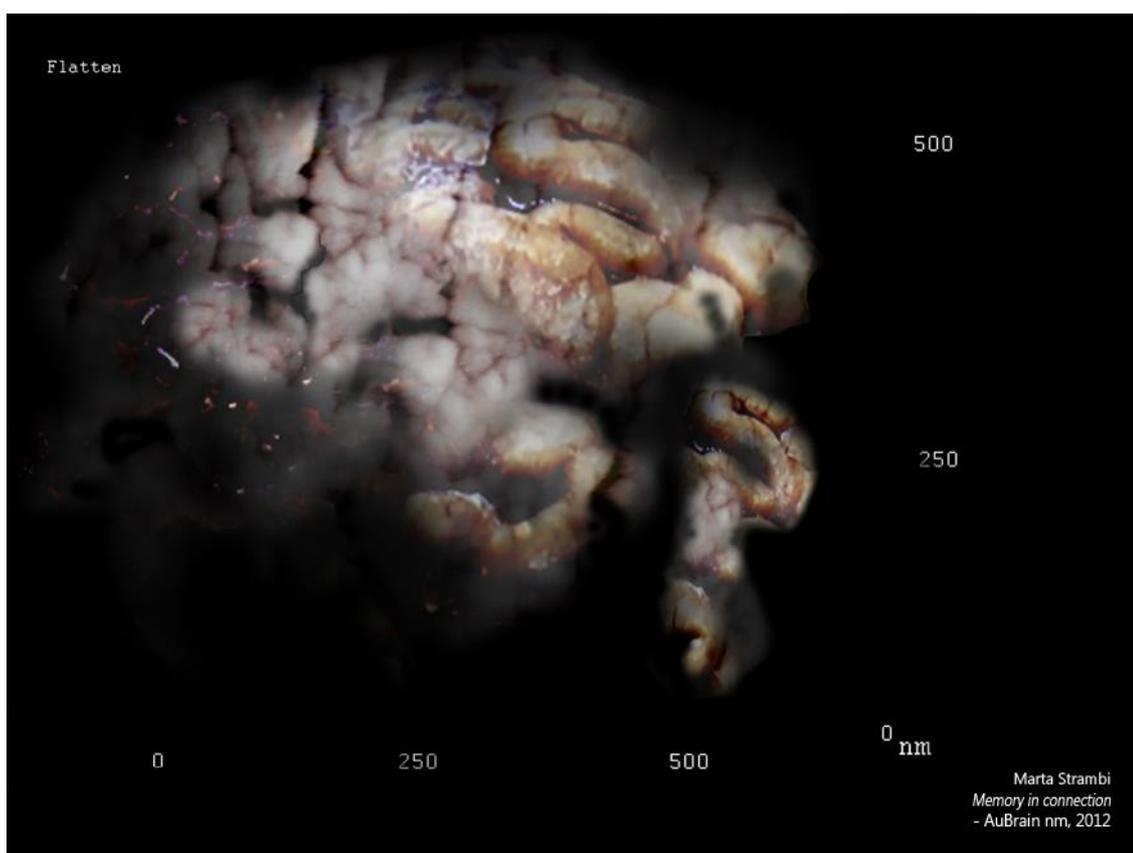


Fig.8. Marta Strambi, Memory in connection - Au Brain nm, 2012, imagem da animação digital. Exposta no Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP).

Realizei em animação digital *Memory in connection - Au Brain nm* (fig. 8), ela trás a memória de uma suposta conexão animada por fios coloridos, azul, vermelho, roxo e laranja que se movem em *looping* e o som acompanha o andamento da animação. Ruídos se relacionam à eletricidade, como por exemplo à condutividade elétrica dos supostos nanofios de ouro que ajudaram na criação dos “remendos do coração” e também nos “cérebros artificiais” descritos acima.

A imagem na sua origem, figura 8, é ainda uma imagem código, dada por nanopartículas do ouro em relação híbrida de fusão com a imagem de um cérebro. Como se em funcionamento as coisas entrassem em conexão de memórias e, outra

vez, os conceitos envolvidos de transmissão e comunicação retornam ao trabalho como relacionamentos ficcionais.

Na incansável busca de trazer à superfície a percepção acerca dos modos de vida em “desalinho” realizo, através das obras apresentadas, que se manifestam na expressão da natureza, uma aclamação à própria resistência da vida em suas formas orgânicas, uma experiência física atrelada à ação projetada de restaurar a vida pelos ínfimos espaços que manifestam a sua força.

Tensiono a ligação entre os distintos campos topológicos, não somente com imagens em escalas nanométricas, mas com poéticas sobre assuntos e conceitos relacionados à informação e à comunicação, numa articulação híbrida, processo que resulta em instalações, animações digitais e infoimagens.

Considerando essa articulação entre as modalidades, a intenção e os gestos, perspectivam uma metáfora da impossibilidade, que sintomatiza a oportunidade de pensar nas relações entre as formas e a vida, como um processo de resistência aos ocultamentos de sentido.

NOTAS

¹ Esse artigo faz parte do projeto de pesquisa, Estudo e experiências artísticas contemporâneas, com desenvolvimento no Instituto de Artes da Unicamp. O projeto faz parte do grupo de pesquisa Estudos Visuais/CNPQ, cuja exposição individual se realizou no Museu da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) em março/abril de 2013.

² LEIBNIZ, G.W. . **De Existentia**. A Nº87 (dezembro de 1676?).

³ GUATARRI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2001, p. 08.

⁴ Ibidem, p. 25.

⁵ Ibidem, p. 52.

REFERÊNCIAS

BREA, Jose Luis. **Las tres eras de la imagen**. Madrid: Akal, 2010.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da Paisagem**. São Paulo: Martins, 2007.

GUATARRI, Felix. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 2001.

GARTEL, Laurence. **Arte & tecnologia**. Milão: Edizioni Mazzotta, 1998.

LIESE, Wolf. **Arte digital: novos caminhos na arte**. Potsdam: H. F. Ullmann, 2010.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

MOURA, Leonel. **Os Homens Lixo**. Lisboa: Fenda, 1996.

WILSON, Stephen. **Intersections of Art, Science, and Technology**. Londres: The MIT Press, 2002.

Marta Luiza Strambi

Artista visual. Profa. do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais e da Especialização, IA/Unicamp. Membro do Grupo de Pesquisa Estudos Visuais, Cnpq/Unicamp. Doutora, Eca/Usp. Mestre em Artes, IA/Unicamp e Especialista em Educação, Fe/Unicamp. Atua em áreas teórico-práticas da arte. Integra a Galeria Quarta Parede em SP. Membro do Conselho Deliberativo: Comitê Poéticas Artísticas/CPA da Anpap.